



ENTRE FLUXOS COMUNICATIVOS E SISTEMAS DISCURSIVOS: REFLEXÕES SOBRE A COMPOSIÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES

BETWEEN COMMUNICATIVE FLOWS AND DISCURSIVE SYSTEMS: REFLECTIONS ON THE COMPOSITION OF ORGANIZATIONS

ENTRE FLUJOS COMUNICATIVOS Y SISTEMAS DISCURSIVOS: REFLEXIONES SOBRE LA COMPOSICIÓN DE LAS ORGANIZACIONES

RESUMO

Objetivo: Este ensaio teórico explora as abordagens da Comunicação Constitutiva das Organizações (CCO) e da Análise Sociológica dos Sistemas Discursivos (ASD), investigando como cada uma delas contribui para a compreensão da comunicação como elemento formador e transformador das organizações. A análise discute as diferentes camadas teóricas e epistemológicas dessas abordagens, destacando a ASD como uma ferramenta para investigar relações de poder, identidade e cultura nas práticas discursivas organizacionais.

Metodologia: Com base nas perspectivas epistemológicas oriundas da Virada Linguístico-Pragmática, o estudo oferece uma análise teórica, enfatizando a diversidade das abordagens CCO e ASD e como elas podem se complementar ao iluminar aspectos distintos do discurso e da comunicação organizacional.

Resultados: As discussões revelam que tanto a CCO quanto a ASD fornecem perspectivas valiosas para a compreensão da comunicação organizacional. A CCO examina as organizações como formadas a partir da atividade comunicativa, enquanto ASD permite um exame aprofundado das camadas simbólicas e relacionais dos discursos, evidenciando como as práticas comunicativas moldam e são moldadas pelas estruturas organizacionais.

Implicações teóricas e práticas: Este ensaio contribui para os Estudos Organizacionais ao expandir a análise das organizações como fenômenos constituídos discursivamente. Ao propor uma perspectiva reflexiva e multifacetada, o estudo convida pesquisadores a explorar a interação entre comunicação e poder em diferentes contextos organizacionais.

Originalidade: Ao integrar a ASD no estudo da comunicação organizacional, o artigo propõe um enfoque teórico original que incentiva o desenvolvimento de novas perguntas e a continuidade do debate crítico, ampliando os caminhos de investigação em fenômenos comunicativos no ambiente organizacional.

Palavras-chave: Comunicação organizacional. Constituição Comunicativa das Organizações. Análise Sociológica dos Sistemas Discursivos. Estudos Organizacionais.

José Florentino Vieira de Melo

Doutorando

Universidade Federal da Paraíba – Brasil

jose.vieira.melo@icloud.com

Submetido em: 04/06/2024

Aprovado em: 21/11/2024

Chamada Especial: Gestão da Subjetividade nas Organizações: trajetória e contribuições de Christiane Kleinübing Godoi

Como citar: de Melo, J. F. V. (2024). Entre fluxos comunicativos e sistemas discursivos: reflexões sobre a composição das organizações. *Revista Alcance (online)*, 31(3), 1-16. Doi: [https://doi.org/10.14210/alcance.v31n3\(set/dez\).1-16](https://doi.org/10.14210/alcance.v31n3(set/dez).1-16)





ABSTRACT

Objective: This theoretical essay explores the approaches of Communicative Constitution of Organizations (CCO) and Sociological Discourse Analysis (SDA), investigating how each contributes to understanding communication as a formative and transformative element in organizations. The analysis discusses the different theoretical and epistemological layers of these approaches, highlighting SDA as a tool for investigating power relations, identity, and culture in organizational discursive practices.

Methodology: Based on epistemological perspectives stemming from the Linguistic-Pragmatic Turn, the study offers a theoretical analysis, emphasizing the diversity of the CCO and SDA approaches and how they can complement each other in illuminating distinct aspects of discourse and organizational communication.

Results: The discussions reveal that both CCO and SDA provide valuable perspectives for understanding organizational communication. CCO examines organizations as formed from communicative activity, while SDA allows an in-depth examination of the symbolic and relational layers of discourses, evidencing how communicative practices shape and are shaped by organizational structures.

Theoretical and practical implications: This essay contributes to Organizational Studies by expanding analysis of organizations as discursively constituted phenomena. By proposing a reflective and multifaceted perspective, the study invites researchers to explore the interplay between communication and power in various organizational contexts.

Originality: By integrating SDA into the study of organizational communication, the article proposes an original theoretical approach that encourages the development of new questions and the continuity of critical debate, expanding paths of investigation into communicative phenomena in organizational settings.

Keywords: Organizational communication. Communicative Constitution of Organizations. Sociological Discourse Analysis. Organizational Studies.

RESUMEN

Objetivo: Este ensayo teórico explora los enfoques de la Constitución Comunicativa de las Organizaciones (CCO) y el Análisis Sociológico del Discurso (ASD), investigando cómo cada uno de ellos contribuye a la comprensión de la comunicación como un elemento formador y transformador en las organizaciones. El análisis discute las diferentes capas teóricas y epistemológicas de estos enfoques, destacando el ASD como una herramienta para investigar relaciones de poder, identidad y cultura en las prácticas discursivas organizacionales.

Metodología: Basado en las perspectivas epistemológicas originadas a partir del Giro Lingüístico-Pragmático, el estudio ofrece un análisis teórico, enfatizando la diversidad de los enfoques CCO y ASD y cómo pueden complementarse para iluminar distintos aspectos del discurso y de la comunicación organizacional.

Resultados: Las discusiones revelan que tanto la CCO como el ASD brindan perspectivas valiosas para comprender la comunicación organizacional. El ASD, particularmente, permite un examen profundo de las capas simbólicas y relacionales de los discursos, evidenciando cómo las prácticas comunicativas moldean y son moldeadas por las estructuras organizacionales.

Implicaciones teóricas y prácticas: Este ensayo contribuye a los Estudios Organizacionales al expandir el análisis de las organizaciones como fenómenos constituidos discursivamente. Al proponer una perspectiva reflexiva y multifacética, el estudio invita a los investigadores a explorar la interacción entre comunicación y poder en diferentes contextos organizacionales.

Originalidad: Al integrar el ASD en el estudio de la comunicación organizacional, el artículo propone un enfoque teórico original que incentiva el desarrollo de nuevas preguntas y la continuidad del debate crítico, ampliando los caminos de investigación sobre fenómenos comunicativos en el entorno organizacional.

Palabras clave: Comunicación organizacional. Constitución Comunicativa de las Organizaciones. Análisis Sociológico del Discurso. Estudios Organizacionales.



INTRODUÇÃO

A comunicação é fundamental para a experiência humana, permitindo a expressão de ideias e a construção de significados, o que modela relacionamentos e viabiliza o desenvolvimento de identidades compartilhadas. No contexto organizacional, diversas teorias direcionam seu foco ao estudo deste fenômeno, cada uma oferecendo sua perspectiva sobre as funções que ele exerce no estabelecimento de dinâmicas sociais, culturais e de relações de poder (Cluley & Parker, 2023; Cooren, 2012; Gond & Carton, 2022; Nicotera, 2020). Entre essas abordagens, destacam-se a Constituição Comunicativa das Organizações (CCO) e a Análise Sociológica dos Sistemas Discursivos (ASD), cujos princípios fornecem percepções distintas de como a atividade comunicativa modela grupos, independentemente de seu tamanho ou alcance.

Estas teorias investigam comunicação, discursos, e maneiras pelas quais estes conceitos intervêm nas práticas organizacionais. Em grande medida, compreendem a atividade comunicativa como um acontecimento que transcende a troca de informações, dado seu enraizamento em processos sociais complexos, permeados por significados compartilhados, normas e construções simbólicas (Bastos & Candiotti, 2007; Cornelissen et al., 2015; Lowenstein, 2019), assim como relações de poder e influência (Zoller & Ban, 2020). A comunicação seria o alicerce para atos, estabelecimento de regras e agenciamento da cooperação (Putnam & Mumby, 2014), com o discurso atuando como uma ferramenta de persuasão e construção de percepções (Castor, 2022).

Valendo-me do prisma defendido por acadêmicos como Conde (2009), Kuhn e Putnam (2014), Marcondes (2017) e Ruiz e Herzog (2019), parto do pressuposto de que, enquanto a comunicação é um termo que engloba formas de interação e troca de informações, o discurso refere-se às práticas que se realizam nessas interações, com objetivos específicos. A comunicação não só facilita interações organizacionais, mas as constitui em um nível ontológico. O discurso, por sua vez, concretiza essa prática, enquanto a comunicação o redefine por meio de seus padrões dinâmicos de interação e significado (Castor, 2022; Putnam et al., 2016). Assim, o discurso seria con-

formado pela comunicação ao mesmo tempo em que a executa, assumindo, portanto, a função de sua materialização pragmática (Schoeneborn et al., 2019; Teixeira Júnior, 2020).

Neste ensaio, faço um apanhado de teorias ligadas aos Estudos Organizacionais que, tendo como marco referencial a virada linguístico-pragmática ocorrida ao longo do século XX, voltaram-se para fenômenos de comunicação e discurso. Detenho-me na CCO, que enfatiza a relevância da comunicação na configuração e funcionamento das instituições (Castor, 2022; Cooren & Seidl, 2022), e também exploro a ASD, metodologia de investigação social desenvolvida por pesquisadores espanhóis nas décadas de 1960 e 1970 (Conde, 2009; Serrano, 2008), e praticada no Brasil por acadêmicos como Christiane Kleinübing Godoi (Godoi et al., 2020; Godoi & Uchôa, 2019).

Assim, a presente discussão dispõe-se a explorar como a ASD e a CCO, enquanto distintas formas de compreensão da realidade, podem revelar camadas das práticas organizacionais e permitir uma análise crítica das dinâmicas de poder, identidade e cultura que sustentam a estrutura organizacional. O objetivo deste ensaio é, portanto, investigar como ambas oferecem ferramentas próprias e complementares para o estudo do fenômeno comunicativo, contribuindo, assim, para o aprofundamento teórico dos Estudos Organizacionais ao evidenciar o papel constitutivo do discurso na formação das estruturas que são seu objeto primeiro de análise. Em vez de oferecer um panorama, busco uma análise fundamentada que ilumine as particularidades de cada abordagem e demonstre como ambas poderiam enriquecer a compreensão das práticas comunicativas nas organizações, seja por meio da ascensão de uma ou de outra em investigações, seja com a abertura à possibilidade de diálogos epistemológicos e metodológicos entre elas.

A decisão de avultar CCO e ASD, entre as várias abordagens possíveis para o estudo do fenômeno da comunicação organizacional (Bisel & Adame, 2017; Mease, 2017; Mumby & Ashcraft, 2017; Putnam & Banghart, 2017), é respaldada pelas contribuições que elas oferecem para o entendimento das dinâmicas organizacionais (Coelho et al., 2012; Godoi & Uchôa, 2019; Putnam,



2022; Schoeneborn et al., 2014). Não intento justapô-las ou integrá-las de maneira simplista, mas oferecer uma análise que ressalte como cada abordagem, com suas próprias ontologias e epistemologias, ilumina diferentes aspectos do papel constitutivo da comunicação e do discurso nas organizações (Conde, 2009; Putnam & Mumby, 2014). Ao fazê-lo, procuro expandir os horizontes para futuros investigadores, ao destacar a possibilidade de uma compreensão mais nuançada das complexidades inerentes às práticas comunicativas e suas implicações estruturais e relacionais nas instituições (Fairhurst & Putnam, 2019; Kuhn et al., 2019).

O trabalho está organizado em seções. Primeiro, exploro a linguagem como objeto de escrutínio de filósofos e acadêmicos, destacando como suas concepções influenciaram a compreensão de comunicação e discurso. Em seguida, abordo teorias da administração que tangenciam esses tópicos em suas premissas, fornecendo um panorama de variadas formas por meio das quais investigadores podem observá-los e interpretá-los. Na terceira seção, exploro a CCO, destacando seu fundamento para a estruturação das instituições. A quarta seção discute os discursos como práxis social, vinculando sua análise a dinâmicas de poder, identidade e cultura. Por fim, apresento a ASD como metodologia investigativa direcionada à compreensão mais profunda de intenções disfarçadas em meio à prática da fala. Essa estrutura objetiva proporcionar uma percepção do papel da comunicação e dos discursos na constituição das organizações, além de fornecer algumas concepções, longe de serem exaustivas, de metodologias voltadas à análise desses fenômenos.

A LINGUAGEM ENQUANTO OBJETO DE ESTUDO

A linguagem tem sido considerada um dos elementos centrais da experiência humana, desempenhando um papel constitutivo nas interações e na formação das organizações. A chamada virada linguístico-pragmática, particularmente ao longo do século XX, impulsionou seu enquadramento não apenas como um meio de transmissão de informações, mas como um processo que constrói e transforma realidades sociais (Faria,

2022; Teixeira Júnior, 2020). Essa guinada teórica marcou um afastamento das visões tradicionais que a limitavam a um sistema estático de símbolos, reconhecendo-a como uma prática dinâmica e criativa, ativa para a construção de identidades, sentidos e ações no mundo social. Com isso, abriram-se novos caminhos para o estudo de fenômenos comunicativos e organizacionais.

A virada linguístico-pragmática não apenas influenciou disciplinas como a filosofia, a sociologia e a linguística, mas também se fez presente em estudos organizacionais. Ao deslocar o foco para o uso da linguagem nas práticas sociais, autores como Wittgenstein, Heidegger e Foucault destacaram como a comunicação conforma as interações em níveis ontológicos e epistemológicos. Para Wittgenstein, ela é inseparável das práticas que lhe dão vida, sendo essencial para compreender como os indivíduos agem e se organizam (Alves & Adamoglu de Oliveira, 2017). Heidegger, por sua vez, realçou sua posição como meio de abertura para o ser, situando-a no centro das experiências humanas e sociais. Foucault situou o discurso como prática social que não apenas reflete, mas constitui relações de poder, saber e identidade, grifando sua função delimitadora de normas e regulações para dinâmicas de exclusão e controle (Foucault, 2008).

Essas ideias fundamentaram abordagens que passaram a compreender a comunicação e o discurso como elementos formadores das estruturas organizacionais. Sob essa ótica, a linguagem transcende sua função instrumental para se tornar uma força ativa que organiza práticas e interações em contextos específicos, influenciando diretamente o comportamento organizacional e a construção de normas (Putnam & Mumby, 2014). Essa perspectiva desloca o foco de estruturas fixas para processos contínuos, sugerindo que as organizações não são apenas formadas pela comunicação, mas continuamente redefinidas por ela.

A compreensão da linguagem enquanto alicerce da realidade é central para teorias como a Constituição Comunicativa das Organizações e a Análise Sociológica dos Sistemas Discursivos. Ambas investigam como comunicação e discurso acomodam as estruturas organizacionais e ajudam a sustentar identidades coletivas, valores e



relações de poder. Ambas reconhecem que os discursos organizacionais agem na negociação de significados, na adaptação a contextos sociais complexos e na transformação de práticas institucionais (Godoi et al., 2020; Kuhn & Putnam, 2014).

A linguagem, deste modo, oferece uma base para as práticas organizacionais. Por meio de narrativas, metáforas e outras estruturas discursivas, os atores organizacionais criam e reforçam identidades, legitimam ações e constroem fronteiras simbólicas que diferenciam grupos e indivíduos (Keyton, 2017). Essa visão expande o entendimento das organizações como espaços discursivos, onde cada interação comunica, reforça ou contesta normas e valores compartilhados. Assim, a troca comunicativa não é apenas um meio de articulação, mas um processo contínuo de construção de realidades.

A virada linguístico-pragmática também possibilitou o desenvolvimento de metodologias críticas, permitindo a pesquisadores a análise de estruturas discursivas e de seus impactos em dinâmicas de poder, exclusão e inclusão (Schoenborn et al., 2019), a partir da investigação de como os discursos operam para legitimar práticas, sustentar hierarquias ou resistir a estruturas preestabelecidas. Ao compreender que a linguagem organiza e regula práticas sociais, estudos organizacionais se tornam, assim, mais capazes de explorar a complexidade das interações em contextos institucionais.

Assim, o estudo da linguagem tornou-se uma possibilidade para compreender as organizações contemporâneas. Suas práticas discursivas revelam não apenas como as estruturas se formam, mas também como elas são negociadas, transformadas e contestadas em resposta a contextos sociopolíticos em constante mudança.

O FENÔMENO COMUNICATIVO NO UNIVERSO DA ADMINISTRAÇÃO

No campo dos estudos da Administração, o estudo do fenômeno comunicativo vem se adaptando para refletir mudanças nas concepções organizacionais ao longo do tempo. As teorias clássicas, como as propostas por Taylor e Fayol, compreendiam a comunicação de maneira

funcionalista e instrumental, priorizando sua eficiência como ferramenta de controle e coordenação dentro das hierarquias organizacionais (Carvalho, 2020). Nessa perspectiva, era vista como um meio técnico para assegurar a previsibilidade dos processos e a produtividade, em um contexto em que a ênfase estava na padronização e na divisão do trabalho.

Com o advento da Abordagem das Relações Humanas, a comunicação passou a ser analisada sob uma nova ótica. Essa investida, que ganhou força a partir dos estudos de Elton Mayo e seus colegas no início do século XX, trouxe à tona a importância dos aspectos humanos e sociais no ambiente de trabalho (Lacombe, 2009; Monego et al., 2021). A comunicação, nesse contexto, ganhou status de elemento central para a criação de vínculos interpessoais, promoção da coesão de grupo e manutenção de um clima organizacional favorável (Pordeus et al., 2023). Tais ideias marcaram uma transição: a comunicação deixou de ser um canal técnico e assumiu-me mediadora de relacionamentos.

O desenvolvimento de abordagens mais críticas e reflexivas nas décadas seguintes consolidou uma visão ampliada, baseada em uma percepção social e constitutiva. A Teoria da Ação Comunicativa, de Habermas, foi particularmente influente nesse contexto, ao propor que a comunicação organizacional deveria ser orientada para o entendimento mútuo e para o consenso, sublinhando a transparência e a participação nos processos decisórios (Sánchez, 2015).

Outra contribuição importante veio da Análise Crítica do Discurso, representada por autores como Norman Fairclough, que destacam o papel das práticas discursivas na sustentação ou contestação das relações de poder (Fairclough, 1995). Aqui, a comunicação organizacional não é neutra: ela opera para legitimar ou desafiar normas, ideologias e práticas que estruturam o ambiente de trabalho. Assim, o discurso se torna uma ferramenta investigativa de como as organizações reproduzem ou contestam desigualdades sociais e dinâmicas de dominação.

O momento de desenvolvimento tecnológico vivido ao final do século XX e início do XXI, em particular relacionado à ascensão da rede mundial de computadores, aportou novas cama-



das de complexidade a este campo de estudo. Com as tecnologias digitais, as organizações puderam expandir suas possibilidades comunicativas, tanto interna quanto externamente. Plataformas colaborativas, redes sociais corporativas e sistemas de comunicação instantânea transformaram os fluxos de informações, possibilitando estruturas menos hierárquicas e mais horizontais (Allard-Poesi & Cabantous, 2021). Essas tecnologias não apenas viabilizam maior interação, mas também desafiam as formas tradicionais de controle e gestão, ao mesmo tempo em que criam novos discursos em torno de flexibilidade e inovação.

As práticas contemporâneas também colocam em evidência a comunicação como elemento estratégico para a gestão de reputação, narrativa institucional e engajamento com partes interessadas. O discurso organizacional age, assim, em campanhas de responsabilidade social, políticas de diversidade e práticas de sustentabilidade, reforçando a relevância da comunicação na construção de imagens públicas coerentes (Driscoll et al., 2017). Esses desdobramentos conectam diretamente as teorias de escolas como CCO e ASD a demandas práticas, o que admite o estudo de como as narrativas organizacionais modelam e são adaptadas por questões sociais e culturais mais amplas.

Essas transformações ajudaram a consolidar uma visão da comunicação organizacional que a posiciona como fenômeno constitutivo, capaz de modelar práticas internas, regular normas e influenciar mudanças. O discurso assume um papel ativo na construção das organizações, sendo responsável por estabelecer identidades coletivas, negociar fronteiras simbólicas e reconfigurar relações de poder (Conde, 2009). Esse entendimento destaca que as organizações não são apenas espaços funcionais, mas também arenas simbólicas e discursivas, onde valores, normas e identidades são constantemente produzidos e reproduzidos (Kuhn & Putnam, 2014).

Este cenário também trouxe implicações práticas para o campo da Administração. No ambiente corporativo contemporâneo, a comunicação é entendida como um elemento estratégico para lidar com a complexidade e a volatilidade dos mercados globais. Ferramentas de comuni-

cação digital, práticas colaborativas e narrativas organizacionais têm se mostrado imperativas para a construção de imagens corporativas, a gestão de crises e a promoção de culturas organizacionais inclusivas (Keyton, 2017). Tais práticas dialogam diretamente com teorias como a Constituição Comunicativa das Organizações e a Análise Sociológica dos Sistemas Discursivos, em razão de seu interesse pelas camadas simbólicas e estruturais das práticas organizacionais.

A partir dessa evolução, a Administração passa a integrar as práticas comunicativas e discursivas como aspectos centrais para o estudo organizacional. A CCO e a ASD emergem, assim, como investidas que permitem uma análise crítica mais imersiva, com a possibilidade de incitação ao questionamento acerca de dinâmicas de poder, identidades e valores basilares para o funcionamento das organizações. Essas teorias contribuem para uma compreensão mais ampla da comunicação, revelando como ela conforma, regula e, muitas vezes, desafia as práticas e estruturas que definem o universo organizacional. As seções seguintes são dedicadas ao estudo destas escolas, em uma tentativa de se manter um encadeamento de ideias que siga desde o estudo da linguagem, até o valor da análise discursiva para estudos organizacionais.

A CONSTITUIÇÃO COMUNICATIVA DAS ORGANIZAÇÕES

Seguindo o raciocínio iniciado das seções anteriores, argumento que a Constituição Comunicativa das Organizações propõe uma visão da comunicação não como um meio para troca de informações ou suporte ao funcionamento organizacional, mas como o próprio processo que as constitui e transforma. A CCO deriva de um desenvolvimento que inicialmente foi influenciado pela tradição funcionalista das teorias de comunicação organizacional, no entanto, se adapta ao adotar uma perspectiva mais dinâmica e performativa (Cooren & Seidl, 2022; Putnam, 2022).

O pensamento funcionalista tratava a comunicação como um processo instrumental, em que deveria assegurar a coordenação, o controle e a eficiência, mantendo a estrutura organizacional e facilitando o fluxo de informações (Carvalho, 2020). Nessa perspectiva, o ato comunicativo



tinha uma função clara: garantir a transmissão de mensagens e instruções de forma eficaz e direta, estabelecendo uma base para o sucesso empresarial.

Entretanto, com a virada linguístico-pragmática, surge a noção de que a comunicação possui um papel mais complexo do que o modelo funcionalista sugeria. Em vez de a perceber como um elemento de suporte, a CCO parte do princípio de que as organizações são constituídas por meio dela. Ou seja, a comunicação não é uma atividade que ocorre dentro de uma entidade preexistente; ela é a própria substância que a cria e define ao longo das interações discursivas (Putnam & Mumby, 2014). Essa transição marca uma ruptura significativa com a visão funcionalista e posiciona a CCO em uma investida constitutiva, onde a comunicação é ativa e geradora de realidades.

Autores como James R. Taylor e Linda Putnam seguem essa teoria ao argumentar que as organizações emergem de interações comunicativas recursivas e, portanto, devem ser compreendidas como fenômenos em constante construção (Bencherki et al., 2022; Schoeneborn et al., 2014). Da mesma forma, argumenta-se que, por meio de atos de fala, narrativas e fluxos comunicativos, os membros de uma organização produzem, contestam e revisam identidades, fronteiras, normas e práticas, conferindo à comunicação um papel ativo e performativo.

A CCO apresenta diferentes correntes teóricas, que incluem a Escola de Montreal, a Teoria dos Quatro Fluxos e a abordagem de Luhmann sobre sistemas sociais, em que cada uma explora aspectos variados da comunicação como prática constitutiva. A Escola de Montreal, por exemplo, ressalta que elementos textuais e materiais, como documentos e símbolos, possuem agência e contribuem para a construção da organização (Chaput & Basque, 2022). Já a Teoria dos Quatro Fluxos destaca quatro processos centrais – negociação de membros, autoestruturação, coordenação de atividades e posicionamento institucional – que, juntos, constituem a organização como um sistema de práticas coordenadas (Schoeneborn et al., 2014). A abordagem de Luhmann, por sua vez, interpreta a organização como um sistema autopoiético, onde a comunicação a cria e

sustenta independentemente de seus membros individuais (Cooren & Seidl, 2022).

Ao se afastar do funcionalismo, a CCO adota uma concepção de comunicação que vai além do papel utilitário e a entende como elemento fundacional da organização. Nesse contexto, ela não é uma entidade estática, mas um processo contínuo e interativo de formação e transformação. Isso significa que as identidades organizacionais, os papéis e até as fronteiras que distinguem uma instituição de outra são continuamente (re)produzidas em intercâmbios. Esse entendimento performativo abre espaço para uma análise organizacional que considera não apenas o que a organização faz, mas como ela se torna o que é por meio do fazer comunicativo (Putnam, 2022).

Assim, ao posicionar a comunicação como constitutiva, a CCO transforma o estudo das organizações, deslocando o foco da análise de estruturas estáticas para processos dinâmicos e emergentes. A abordagem oferece uma perspectiva para compreender as organizações como fenômenos que só existem e persistem na medida em que são continuamente construídas por meio das práticas sociais de seus membros.

OS DISCURSOS ENQUANTO PRÁXIS SOCIAL

O discurso não é uma representação estática de ideias, mas uma prática ativa e dinâmica que acomoda e transforma as realidades organizacionais. Partindo de Foucault (2008), podemos compreendê-lo como constitutivo de práticas sociais que definem e delimitam o conhecimento e o poder, atuando como força estruturante nas organizações. Assim, é uma atividade que, ao mesmo tempo em que reflete uma realidade, a modela, servindo de veículo para negociações de poder, construções de identidade e articulação de valores e normas.

Sob essa ótica, a análise do discurso vai além de uma abordagem descritiva; ela permite examinar como as práticas discursivas mantêm e legitimam estruturas organizacionais. Narrativas internas, jargões específicos e comunicações institucionais, exercem uma função performativa ao definir o que é permitido, quem pode falar e quais temas são abordados ou evitados (Gee,



2015). Esse caráter revela que o discurso não apenas reflete a realidade, mas a produz ativamente.

Nessa linha, o discurso é compreendido como uma práxis que atravessa e organiza a dinâmica organizacional. A partir das interações discursivas, constroem-se sentidos coletivos, estabelecem-se posições e reforçam-se hierarquias. Para Wittgenstein, a linguagem é inseparável das práticas sociais, e é nas interações comunicativas que o discurso exerce um papel formador de realidades (Alves & Adamoglu de Oliveira, 2017). Assim, a práxis discursiva se manifesta de maneira contínua e recursiva, garantindo a adaptação das organizações aos contextos e desafios que enfrentam.

Essa concepção de discurso encontra suporte em metodologias como a Análise Crítica do Discurso (ACD) e a Análise Retórica (Fairclough, 1995; Mumby & Ashcraft, 2017). A ACD, por exemplo, examina o discurso em seu contexto social e político, permitindo a identificação das estruturas discursivas que sustentam desigualdades e perpetuam dinâmicas de controle. Já a Análise Retórica explora como líderes organizacionais utilizam o discurso para influenciar percepções, promover a coesão e legitimar decisões.

Ao adotar uma visão do discurso como práxis social, um investigador social pode abordar as organizações de maneira multifacetada, onde cada prática discursiva contribui para a constituição da identidade organizacional e para a manutenção das relações de poder. Esse entendimento abre espaço para uma análise integrada, na qual o discurso organiza e sustenta os processos internos das organizações, conformando não apenas práticas e interações, mas também a própria estrutura que as sustenta. Dessa forma, abrem-se caminhos para o estudo das complexidades organizacionais, revelando as forças invisíveis que orientam o comportamento e o desenvolvimento das organizações.

ANÁLISE SOCIOLÓGICA DOS SISTEMAS DISCURSIVOS

A Análise Sociológica dos Sistemas Discursivos surge como uma abordagem teórica e metodológica que busca investigar as práticas

discursivas em sua complexidade estrutural e social. Para dar conta das múltiplas dimensões do discurso organizacional, a ASD incorpora influências variadas, desde o estruturalismo e o pós-estruturalismo até abordagens fenomenológicas e críticas. Essa diversidade epistemológica se justifica pela própria natureza do objeto de estudo: os discursos organizacionais não são fenômenos simples e unidimensionais, mas práticas sociais complexas e dinâmicas, constituídas por elementos históricos, ideológicos e simbólicos (Conde, 2009; Godoi et al., 2020).

A influência estruturalista, inspirada por Lévi-Strauss e Saussure, oferece uma base para compreender as estruturas subjacentes que organizam as práticas culturais e os sistemas de significação nas organizações (Collins, 2021). Já o pós-estruturalismo, representado por autores como Foucault e Derrida, introduz uma perspectiva crítica, permitindo que a ASD analise como o discurso organiza relações de poder, legitimando certas práticas e excluindo outras, ao mesmo tempo que desafia noções fixas de verdade e identidade (Alonso, 1998; Foucault, 2008).

A fenomenologia, por outro lado, contribui para a ASD ao introduzir a ideia de que os discursos são vivenciados e interpretados subjetivamente. Com o conceito de intencionalidade, ela induz à investigação de como os sujeitos constroem e reinterpretam significados ao interagir com os discursos organizacionais, oferecendo uma camada adicional para entender a construção de identidades e relações (Serrano, 2008). Também, ao incorporar o behaviorismo metodológico, a ASD inclui uma dimensão empírica que permite o exame dos discursos com base em evidências observáveis, enriquecendo a análise com dados que ajudam a validar interpretações (Godoi & Uchôa, 2019).

Essa combinação epistemológica, embora com múltiplas dimensões, é coerente com o objetivo de revelar a complexidade das práticas discursivas e suas implicações sociais. A ASD não busca uma integração completa entre diferentes escolas epistemológicas, mas sim um diálogo interdisciplinar que permita explorar as camadas estruturais, subjetivas e críticas dos discursos. Esse arranjo oferece uma flexibilidade metodológica que a torna capaz de analisar fenômenos



discursivos multifacetados, revelando práticas ocultas, disputas por poder e dinâmicas indenitárias.

Isto posto, não há que se falar em um discurso isolado. Cada um seria resultado de muitos outros, proferidos em momentos anteriores, aos poucos apagados do consciente, esquecidos pela memória objetiva, mas atrelados a modelos mentais, internalizados como partes da construção, individual e coletiva, da realidade (Godoi et al., 2020). Este encadeamento subjetivo e inconsciente é chamado por Conde (2009) de sistema discursivo e é a ele que o analista se volta: como em uma espiral e por meio dos atos de fala, os discursos se articulam, interagem, são ressignificados e reformulados. Michel Pêcheux (1978) denomina tal construto de interdiscurso. Como ilustrado na Figura 1, um discurso analisado em um momento é o ponto focal de uma espiral que o liga a outros, cada vez mais distantes no tempo e no espaço.

Figura 1

Espiral interdiscursiva



Nota. Elaborado pelo autor (2024).

Pêcheux e Fuchs (1997) observam que discursos antigos são esquecidos pela atividade cognitiva, porém permanecem vivos no inconsciente: a isto eles chamam de esquecimento enunciativo – o que leva alguém a utilizar um signo e não

outro quando está se comunicando? – e esquecimento ideológico – que condições fizeram um comunicador ser como é para que pudesse comunicar algo de um jeito e não de outro? É nesta interdiscursividade que a ação comunicativa se dá e é na arqueologia dos discursos, como defendido por Foucault (Dias & El-Jaick, 2021), que consegue-se compreender as condições sociais e institucionais condutoras de determinado estado.

Como diferenciação de outros formatos de análise discursiva, como a Análise Automática do Discurso de Pêcheux (1978), ou a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1995), os teóricos da ASD propõem três níveis de aproximação. Para Ángel Gordo (2008), com isto esquadrinha-se preencher lacunas observadas nos outros métodos, visto que, para ele, a escola francesa teria uma abordagem demasiadamente internalista – cognitiva e conceitual – enquanto a escola crítica seria externalista ao priorizar contextos políticos, sociais e econômicos.

A ASD engloba ambas (Godoi et al., 2020) e, neste sentido, Conde (2009) joga luz sobre seus níveis de aproximação: informacional-quantitativo, que tende a priorizar as dimensões mais denotativas e manifestas dos enunciados; seria a análise de conteúdo, frequente em pesquisas de cunho social; estrutural-textual, que considera os textos como resultantes de estruturas formais invariantes e universais, cujo desentranhamento seria alcançado por meio da análise semiótica; e social-hermenêutico, que imagina textos de forma vinculada à pragmática da linguagem com a análise de seus usos sociais.

Fazendo eco a esta divisão, Jesús Ibañez (2010) desenvolve a ideia de diferentes perspectivas para a investigação social. A distributiva aponta para o empirismo de abordagens funcionalistas e suas generalizações; a estrutural mescla formalismo e empirismo ao se preocupar com metodologias de análise de conteúdo; e a dialética se volta para o estudo do latente, do reprimido no argumento manifesto. O nível mais raso pertence ao universo quantitativo, com estatísticas e análise de dados secundários (Godoi et al., 2020). A perspectiva estrutural abre espaço para grupos de discussão e entrevistas em profundidade, mas ainda com a separação pesquisador-pesquisado.



do, enquanto no campo dialético o investigador submerge no objeto de pesquisa para vivenciar o contexto formador das práticas comunicativas (Alonso, 1998).

As três perspectivas são válidas e úteis para o estudo da sociedade, uma vez que cada uma delas se volta para uma camada da estrutura social com um maior ou menor nível de provocação (Godoi & Uchôa, 2019). Ao suscitar o latente, no nível mais profundo, o investigador o retira-o de seu lugar camuflado na comunicação, para fazê-lo falar abertamente (Godoi et al., 2014). No nível distributivo esta provocação é anulada, enquanto no dialético ela atinge seu ápice ao mirar o inconsciente, individual e coletivo, e a formação de ideologias (Serrano, 2008).

Assim, a ASD pode se valer concomitantemente das três perspectivas para revelar estruturas que definem a formação comunicativa das organizações (Coelho et al., 2012). Epistemologicamente, aproxima-se da Teoria dos Quatro Fluxos, uma das correntes da CCO citadas neste trabalho, por sua ênfase em como diferentes tipos de comunicação constituem as organizações (Cooren & Seidl, 2022). Esta teoria examina como interações moldam e estruturam as organizações (Schoeneborn et al., 2014) e, de forma semelhante, a ASD investiga as práticas discursivas e como elas modelam dinâmicas sociais e relações de poder dentro das organizações (Godoi et al., 2014).

Sob esta perspectiva, para a ASD a neutralidade não é concebível (Godoi et al., 2014). Considerando-se sua elasticidade epistemológica (Conde, 2009), é possível analisar o discurso que levou à formação de uma estrutura social ou pode-se reificar uma organização, compreendendo-a como entidade estável preexistente, deste modo detendo-se em uma análise de discursos institucionais sobre temas específicos (Alonso, 1998; Nicotera, 2020), mas o que o pesquisador não pode e não consegue é apagar a si.

Fazer emergir a espiral de interdiscursos que culminaram naquele sob escrutínio demanda um processo de ir e vir entre textos, contextos e práticas sociais, no que Araceli Serrano (2008) denomina como análise social, hermenêutica e pragmática. Ao invés de apartar as comunicações, o analista deve uni-las em um conjunto onde a espiral discursiva possa ficar aparente, revelando as pragmáticas textuais e sociais nela imbricadas

(Godoi & Uchôa, 2019). Desta forma, o discurso só obteria seu significado completo em relação àqueles que o enunciaram se quem o ouve compreende as forças sociais que o originaram.

Estas linhas intentaram demonstrar que, mesmo pouco conhecida no meio acadêmico, se comparada a outras concepções de análise discursiva (Godoi et al., 2020), a ASD, com seus níveis de aproximação e suas técnicas para coleta e análise de dados, é uma abordagem pertinente para estudos da sociedade. A Tabela 1 apresenta uma síntese desta escola, elaborada para oferecer um panorama geral de suas origens, definições, paradigmas, relações e métodos de investigação.

Tabela 1

Características da Análise Sociológica dos Sistemas Discursivos

Principais influências	Claude Lévi-Strauss, Michel Foucault, Jacques Lacan, Pierre Bourdieu, Ludwig Wittgenstein, John Langshaw Austin, Martin Heidegger, Michel Pêcheux, Edmund Husserl
Dimensão ontológica	A realidade é determinada por cada grupo social que se apropria, transforma, produz e reproduz a linguagem, produto coletivo derivado de influências e discursos de outros grupos sociais (Conde, 2009)
Dimensão epistemológica	Plural, se abre para análises externalistas e internalistas, ainda que, sob influência da Escola de Frankfurt e de pensadores franceses, interprete que o estudo da realidade social requer compreender processos comunicativos interligados e interesses ocultos (Godoi et al., 2020)
Paradigmas centrais	Importância do óbvio e do raro e da relação entre manifesto e latente nos discursos; papel do objetivo e do subjetivo na interpretação; relacionamento entre análise e interpretação (Conde, 2009)
Observação da materialidade	O texto, humano ou não humano, como produto cultural, ganha materialidade social, e é seu estudo que permitirá adentrar no universo das intenções e relações de poder que o origina (Alonso, 1998)
Relação entre comunicação e discurso	A comunicação é uma transmissão e o discurso é uma atividade, uma prática social, um processo de argumentação, de comunicação, de tensões (Conde, 2009)
Relações sociais	Grupos constroem e dão sentido ao que vivem ao interpretar marcos intersubjetivos de interação com outros grupos por meio da comunicação (Godoi et al., 2020)
Métodos adequados à pesquisa	Entrevistas em profundidade, grupos de discussão, observações participantes e não participantes, estudo de documentos, imagens, filmes (Conde, 2009)

Nota. Elaborado pelo autor (2024).



A ASD se comunica com trabalhos de pesquisadores sociais de variadas escolas – sofreu influência de muitas delas, como relatado anteriormente – e busca inovar ao considerar faces internalistas e externalistas ligadas a seus objetos de estudo para descortinar silêncios e dizeres, propositais ou inconscientes, reveladores de origens, destinos, lutas, interações e manipulações até então camufladas mais profundamente do que se poderia entrever em um vislumbre cotidiano.

Partindo do princípio de que a comunicação cria organizações e o discurso é a materialização desta comunicação (Gee, 2015), a análise discursiva, pela lente da ASD, é, portanto, a apreciação do processo formativo organizacional a partir de um olhar direcionado aos fatores sociais que, consciente e inconscientemente, fizeram-no sobreviver da forma observada e não de qualquer outra. Assim, a compreensão da organização adentra uma dimensão menos aparente e mais direcionada a intenções e desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CONVITE À REFLEXÃO

Ao longo deste ensaio, tencionei iluminar as complexas interações entre a Constituição Comunicativa das Organizações (CCO) e a Análise Sociológica dos Sistemas Discursivos (ASD), explorando as maneiras pelas quais práticas discursivas e comunicativas constituem e transformam as organizações. Em vez de encerrar o tema com uma interpretação conclusiva, as reflexões aqui apresentadas abrem novos caminhos de pesquisa e incentivam uma postura crítica e investigativa. Assim, emergem possibilidades para examinar aspectos menos explorados das práticas comunicativas, que podem enriquecer o entendimento sobre poder, identidade e estrutura nas organizações, além de ampliar as possíveis contribuições de abordagens como a CCO e a ASD.

Embora ofereçam bases para reconsiderar o papel da comunicação na constituição organizacional, elas também apontam para a necessidade de reconhecer as limitações e o potencial de qualquer abordagem teórica. A compreensão das organizações como construções discursivas e simbólicas abre caminhos para que pesquisadores revisitem os próprios fundamentos de suas

análises, adaptando metodologias para refletir a complexidade das práticas organizacionais contemporâneas. Dada a natureza multidimensional da comunicação, torna-se relevante conciliar a robustez dessas abordagens com uma abertura a aspectos emergentes, frequentemente imperceptíveis às ferramentas de análise tradicionais.

Essa abertura se estende além do plano teórico, aplicando-se à prática de pesquisa organizacional. A ASD, ao integrar influências de correntes como o estruturalismo, o pós-estruturalismo e a fenomenologia, permite uma abordagem fluida e adaptável, que atende à análise dos contextos atuais de forma inclusiva. Suas bases teóricas podem, ainda, dialogar com teorias emergentes de comunicação digital e práticas colaborativas, favorecendo um exame mais rico dos fenômenos organizacionais. Já a CCO, com seu enfoque constitutivo, levanta reflexões sobre as fronteiras do discurso como elemento formador da organização e considera a comunicação organizacional permeada por forças contextuais – sejam elas sociopolíticas, econômicas ou culturais – que configuram as instituições.

Ao considerar duas escolas de pensamento aparentemente distantes, como CCO e ASD, surgem novos questionamentos sobre metodologias que ampliem o estudo das práticas comunicativas no universo organizacional. Estas poderiam incluir práticas cotidianas, eventos não estruturados e resistências às normas organizacionais, o que, potencialmente, poderia revelar dinâmicas que desafiam a compreensão mais convencional das interações e estruturas. Neste sentido, ao ampliar perspectivas, a análise discursiva torna-se uma ferramenta para incluir vozes marginalizadas, oferecendo uma compreensão mais rica das estruturas de poder e identidades diversas que permeiam as organizações.

O ensaio, portanto, não visa concluir o debate sobre o papel do discurso e da comunicação nas organizações, mas fomentar a manutenção da capacidade reflexiva de nós, investigadores. Considerando a constituição das organizações como um fenômeno evolutivo, as abordagens aqui discutidas, assim como outras teorias emergentes, tais quais aquelas que estudam comunicação digital, comunicação verde, diversidade, inclusão, ou liderança colaborativa, reforçam a



necessidade de manter-se o campo aberto ao inesperado, ao novo e ao contraditório. Modelos teóricos que incorporem incertezas e contradições nas práticas organizacionais, sem comprometer seu rigor analítico, contribuem para uma visão mais completa das dinâmicas comunicativas e de suas implicações.

Ao olhar para o futuro dos estudos organizacionais, surgem questões sobre como as práticas comunicativas e discursivas se adaptarão aos desafios presentes e futuros. Com as transformações nas interações digitais e na configuração das próprias organizações, novas formas de comunicação e gestão poderão modificar construções discursivas e simbólicas dentro das instituições. Esses desdobramentos apresentam uma oportunidade para expandir a aplicação da ASD e da CCO e para explorar suas limitações e potencialidades, incentivando o desenvolvimento de métodos que acompanhem a fluidez dos contextos contemporâneos.

Desse modo, o estudo da comunicação organizacional permanece em constante movimento, confrontando-se com novas práticas e possibilidades interpretativas. Neste ensaio, ao analisar CCO e ASD, busco tanto compreender tais abordagens quanto convidar o leitor a revisar e reinterpretar os fenômenos organizacionais, mantendo viva a reflexão e o debate sobre a natureza e as implicações da comunicação nas instituições.

REFERÊNCIAS

- Allard-Poesi, F., & Cabantous, L. (2021). Strategizing. In F. Cooren & P. Stücheli-Herlach (Eds.), *Handbook of management communication* (pp. 1-17). Boston: De Gruyter Mouton.
- Alonso, L. E. (1998). *La mirada cualitativa en sociología: una aproximación interpretativa*. Madrid, Espanha: Editorial Fundamentos.
- Alves, E. B., & Adamoglu de Oliveira, S. (2017). Wittgenstein e Bourdieu: linguagem, poder simbólico e análise da cultura organizacional. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 18(3), 352-370. <https://doi.org/10.26512/les.v18i3.7460>
- Alvesson, M., & Kärreman, D. (2000). Taking the linguistic turn in organizational research: challen-

ges, responses, consequences. *The Journal of Applied Behavioral Science*, 36(2), 136-158. <https://doi.org/10.1177/0021886300362002>

Angermuller, J. (2019). Análisis del discurso después del estructuralismo: los enunciados polifónicos en el espacio social. In J. R. Ruiz & B. Herzog (Eds.), *Análisis sociológico del discurso: enfoques, métodos y procedimientos* (pp. 101-124). Valência: Universitat de València.

Araújo, I. L. (2004). *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial.

Bastos, C. L., & Candioto, K. B. B. (2007). *Filosofia da linguagem*. Petrópolis: Vozes.

Bencherki, N., Basque, J., & Kuhn, T. R. (2022). Introduction. In J. Basque, N. Bencherki, & T. r. Kuhn (Eds.), *The routledge handbook of the communicative constitution of organization* (pp. 1-23). London: Routledge.

Bisel, R. S., & Adame, E. A. (2017). Post-positivist/functionalist approaches. In C. R. Scott, L. Lewis, J. R. Barker, J. Keyton, T. R. Kuhn, & P. K. Turner (Eds.), *The international encyclopedia of organizational communication* (pp. 1-22). West Sussex: John Wiley & Sons, Inc.

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.

Carvalho, C. L., & Costa, S. R. R. (2020). Gestão organizacional: proposta de um método de avaliação sob a ótica do conceito de entropia organizacional. *Sistemas & Gestão*, 15(3), 277-293. <https://doi.org/10.20985/1980-5160.2020.v15n3.1671>

Carvalho, R. V. C. S. (2020). Administração como ciência e Taylor como mito fundador. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 14(3), 150-172. <https://doi.org/10.12712/rpca.v14i3.43049>

Casali, A. M. (2009). Um modelo do processo de comunicação organizacional na perspectiva da "Escola de Montreal". In M. M. K. Kunsch (Ed.), *Comunicação organizacional: histórico, fundamentos e processos* (Vol. 1, pp. 107-133). São Paulo: Saraiva.

Castanheira, D. (2022). Linguística de texto e funcionalismo norte-americano em diálogo: em defesa de uma agenda de pesquisas. *PERCURSOS Linguísticos*, 12(31), 181-202. [https://doi.org/10.14210/alcance.v31n3\(set/dez\).1-16](https://doi.org/10.14210/alcance.v31n3(set/dez).1-16)



org/10.47456/pl.v12i31.38661

Castor, T. (2022). The umbrella of discourse analysis and its role in CCO. In J. Basque, N. Bencherki, & T. R. Kuhn (Eds.), *The Routledge handbook of the communicative constitution of organization* (pp. 197-212). London: Routledge.

Chaput, M., & Basque, J. (2022). Afterword: the emergence of the communicative constitution of organization and the Montréal School: an interview with James R. Taylor. In J. Basque, N. Bencherki, & T. R. Kuhn (Eds.), *The Routledge handbook of the communicative constitution of organization* (pp. 524-536). London: Routledge.

Chia, R. (2009). The nature of knowledge and knowing in the context of management learning, education and development. In S. J. Armstrong & C. V. Fukami (Eds.), *The SAGE handbook of management learning, education and development* (pp. 25-41). London: SAGE.

Cluley, R., & Parker, M. (2023). Critical theory in use: organizing the Frankfurt School. *Human Relations*, 76(11), 1689-1713. <https://doi.org/10.1177/00187267221111219>

Coelho, A. L. A. L., Godoi, C. K., Coelho, C., & Serrano Pascual, A. (2012). Análise do discurso da sustentabilidade em uma empresa do setor de energia elétrica. *Gestão & Conexões*, 1(1), 122-158. <https://doi.org/10.13071/regec.2317-5087.2012.1.1.4058.122-158>

Collins, J. (2021). Parallel structures: André Leroi-Gourhan, Claude Lévi-Strauss, and the making of French structural anthropology. *History of the Human Sciences*, 34(3-4), 307-335. <https://doi.org/10.1177/0952695120911531>

Conde, F. (2009). Análisis sociológico del sistema de discursos. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.

Cooren, F. (2012). Communication theory at the center: ventriloquism and the communicative constitution of reality. *Journal of Communication*, 62(1), 1-20. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2011.01622.x>

Cooren, F., & Seidl, D. (2022). The theoretical roots of CCO. In J. Basque, N. Bencherki, & T. Kuhn (Eds.), *The Routledge handbook of the communicative constitution of organization* (pp. 27-47). London: Routledge.

Cooren, F., Vaara, E., Langley, A., & Tsoukas, H. (2014). Language and communication at work: discourse, narrativity, and organizing - introducing the fourth volume of "perspectives on process organization studies". In F. Cooren, E. Vaara, A. Langley, & H. Tsoukas (Eds.), *Language and communication at work: discourse, narrativity, and organizing* (pp. 1-16). Oxford: Oxford University Press.

Corazza, L., Cottafava, D., & Torchia, D. (2022). Education for sustainable development: a critical reflexive discourse on a transformative learning activity for business students. *Environment, Development and Sustainability*, 1-21. <https://doi.org/10.1007/s10668-022-02335-1>

Cornelissen, J. P., Durand, R., Fiss, P. C., Lammers, J. C., & Vaara, E. (2015). Putting communication front and center in institutional theory and analysis. *Academy of Management Review*, 40(1), 10-27. <https://doi.org/10.5465/amr.2014.0381>

Dias, A. C. N., & El-Jaick, A. P. (2021). A monumentalização do discurso na arqueologia do saber, de Michel Foucault. *Signótica*, 33(1), 1-27. <https://doi.org/10.5216/sig.v33.66553>

Do, H., Budhwar, P., Shipton, H., Nguyen, H.-D., & Nguyen, B. (2022). Building organizational resilience, innovation through resource-based management initiatives, organizational learning and environmental dynamism. *Journal of Business Research*, 141, 808-821. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.11.090>

Driscoll, C., Price, S., McKee, M., & Nicholls, J. (2017). An assessment of sustainability integration and communication in Canadian MBA programs. *Journal of Academic Ethics*, 15(2), 93-114. <https://doi.org/10.1007/s10805-017-9275-0>

Fairclough, N. (1995). *Critical discourse analysis: the critical study of language*. New York: Longman Publishing.

Fairhurst, G. T., & Putnam, L. L. (2019). An Integrative methodology for organizational oppositions: aligning grounded theory and discourse analysis. *Organizational Research Methods*, 22(4), 917-940. <https://doi.org/10.1177/1094428118776771>

Faria, J. H. (2022). *Introdução à epistemologia: dimensões do ato epistemológico*. Jundiaí: Paco Editorial.



- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber* (7 ed.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Gadamer, H.-G. (1999). *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (3 ed ed.). Petrópolis: Vozes.
- Gee, J. P. (2015). Discourse, small d, big d. In K. Tracy, T. Sandel, & C. Ilie (Eds.), *The international encyclopedia of language and social interaction* (pp. 1-5). West Sussex: John Wiley & Sons. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/9781118611463.wbielsi016>
- Gehlen, K. R. H., Reis, L. G., & Favato, K. J. (2021). Inserção do termo sustentabilidade no curso de ciências contábeis à luz da Teoria Institucional INSERÇÃO. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 15(2), 144-162. <https://doi.org/10.17524/repec.v15i2.2666>
- Godoi, C. K., Coelho, A. L. A. L., & Mastella, A. S. (2020). Da análise do discurso à abordagem da análise sociológica do discurso: abrindo possibilidades para os estudos organizacionais. In J. Brunstein, A. S. Godoy, E. P. Z. Brito, & J. M. Arruda (Eds.), *Análise de dados qualitativos em pesquisa: múltiplos usos em administração* (pp. 372-434). Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Godoi, C. K., Coelho, A. L. A. L., & Serrano, A. (2014). Elementos epistemológicos e metodológicos da análise sociológica do discurso: abrindo possibilidades para os estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 21(70), 509-535. <https://doi.org/10.1590/S1984-92302014000300009>
- Godoi, C. K., & Uchôa, A. G. F. (2019). Metodologia de análise sociológica discursivo-imagética: possibilidades aos estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 26(91), 776-794. <https://doi.org/10.1590/1984-9260918>
- Gond, J.-P., & Carton, G. (2022). The performativity of theories. In C. Neesham, M. Reihlen, & D. Schoeneborn (Eds.), *Handbook of Philosophy of Management* (pp. 159-181). Cham: Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-030-76606-1_56
- Gordo, Á. J. (2008). Análisis del discurso: los jóvenes y las tecnologías sociales. In Á. J. Gordo & A. Serrano (Eds.), *Estrategias y prácticas cualitativas de investigación social* (pp. 213-244). Madrid: Pearson Educación.
- Graham, P. J. (2023). Proper functionalism and the organizational theory of functions. In L. R. G. Oliveira (Ed.), *Externalism about knowledge* (pp. 249-276). Oxford: Oxford University Press.
- Halliday, T. L. (1987). *A retórica das multinacionais: a legitimação das organizações pela palavra*. São Paulo: Summus Editorial.
- Heidegger, M. (2003). *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes.
- Ibañez, J. (2010). Perspectivas de la investigación social: el diseño en la perspectiva estructural. In M. G. Ferrando, J. Ibañez, & F. Alvira (Eds.), *El análisis de la realidad social: métodos y técnicas de investigación* (pp. 31-66). Madrid: Alianza Editorial.
- Ibañez, J. (1985). *Del algoritmo al sujeto: perspectivas de la investigación social*. Madrid: Siglo XXI.
- Keyton, J. (2017). Culture, organizational. In C. R. Scott, L. Lewis, J. R. Barker, J. Keyton, T. R. Kuhn, & P. K. Turner (Eds.), *The international encyclopedia of organizational communication* (pp. 1-20). West Sussex: John Wiley & Sons, Inc.
- Kuhn, T. R., Ashcraft, K. L., & Cooren, F. (2019). Introductory essay: what work can organizational communication do? *Management Communication Quarterly*, 33(1), 101-111. <https://doi.org/10.1177/0893318918809421>
- Kuhn, T. R., & Putnam, L. L. (2014). Discourse and communication. In P. Adler, P. Du Gay, G. Morgan, & M. Reed (Eds.), *The Oxford handbook of sociology, social theory, and organization studies* (pp. 414-446). New York: Oxford University Press.
- Lacombe, F. (2009). *Teoria geral da administração*. São Paulo: Saraiva.
- Lowenstein, J. (2019). Culture and language. In D. Cohen & S. Kitayama (Eds.), *Handbook of cultural psychology* (2. ed ed., pp. 246-267). New York: The Guilford Press.
- Luhmann, N. (2016). *Sistemas sociais: esboço de uma teoria geral*. São Paulo: Vozes.
- Marcondes, D. (2017). *As armadilhas da linguagem: significado e ação para além do discurso*. Rio de Janeiro: Zahar.



- Mease, J. J. (2017). Portmodern/poststructural approaches. In C. R. Scott, L. Lewis, J. R. Barker, J. Keyton, T. R. Kuhn, & P. K. Turner (Eds.), *The international encyclopedia of organizational communication* (pp. 1-21). West Sussex: John Wiley & Sons, Inc.
- Melo, J. F. V., & Coelho, A. L. A. L. (2022). Sustainability from the perspective of a brazilian university: discourse and relations with the sustainable development goals. *Gestão Universitária na América Latina*, 15(2), 244-262. <https://doi.org/10.5007/1983-4535.2022.e86644>
- Miranda, T., Eccard, W., & Santiago, M. (2024). The principle of segregation: an analysis from the perspective of Weber's ideal type and Habermas' Theory of Communicative Action. *Concilium*, 24(9), 502-514. <https://doi.org/10.53660/CLM-3410-24128>
- Monego, E., Schwertz, F. L., Medeiros, F. d. S., Barros, J. C., Machado, M. S. F., & Silva, R. D. d. (2021). Teorias da administração e das relações humanas. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 7(8), 254-261. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i8.1882>
- Mumby, D. (2009). A comunicação organizacional em uma perspectiva crítica. *Organicom*, 10/11, 191-207. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2009.139023>
- Mumby, D. K., & Ashcraft, K. L. (2017). Critical Approaches. In C. R. Scott, L. K. Lewis, J. R. Barker, T. R. Kuhn, J. Keyton, & P. K. Turner (Eds.), *The international encyclopedia of organizational communication* (pp. 1-23). West Sussex: John Wiley & Sons, Inc.
- Nicotera, A. M. (2020). Developments in the 21st century. In A. M. Nicotera (Ed.), *Origins and traditions of organizational communication: a comprehensive introduction to the field* (pp. 1-39). London: Routledge.
- Nöth, W. (2021). Linguistique et sémiotique dans le cadre des sciences en général. *Cahiers du Centre de Linguistique et des Sciences du Langage*(65), 29-50. <https://doi.org/10.26034/la.cdcl-sl.2021.1360>
- Noyola-Cherpitel, R., Medellín-Milán, P., & Nieto-Caraveo, L. M. (2016). Discourses and identity: an educational sociology approach to campus sustainability assessment. In W. Leal Filho & M. Zint (Eds.), *The contribution of social sciences to sustainable development at universities* (pp. 73-88). Cham: Springer.
- Pêcheux, M. (1978). *Hacia el análisis automático del discurso*. Madrid: Editorial Gredos.
- Pêcheux, M., & Fuchs, C. (1997). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In F. Gadet & T. Hak (Eds.), *Por uma análise automática do discurso* (3. ed ed., pp. 163-252). Campinas: Editora Unicamp.
- Peeples, J., & Murphy, M. (2023). Discourse and rhetorical analysis approaches to environment, media, and communication. In A. Hansen & R. Cox (Eds.), *The Routledge Handbook of Environment and Communication* (2 ed., pp. 39-48). Oxfordshire: Routledge.
- Pordeus, M. P., Pordeus, C. L. V., & Alves, S. R. M. (2023). Characterization of the phenomenological attitude and facilitating attitude between Husserl and Rogers. *Revista Relações Sociais*, 6(2), 15754-15701e. <https://doi.org/10.18540/revesv-16iss2pp15754-01e>
- Putnam, L. L. (2022). Foreword: the emerging paradigm of communication constitutes organization (CCO). In J. Basque, N. Bencherki, & T. R. Kuhn (Eds.), *The Routledge handbook of the communicative constitution of organization* (pp. xxvi-xliv). London: Routledge.
- Putnam, L. L., & Banghart, S. (2017). Interpretive approaches. In C. R. Scott, L. Lewis, J. R. Barker, J. Keyton, T. R. Kuhn, & P. K. Turner (Eds.), *The international encyclopedia of organizational communication* (pp. 1-17). West Sussex: John Wiley & Sons, Inc.
- Putnam, L. L., Fairhurst, G. T., & Banghart, S. (2016). Contradictions, dialectics, and paradoxes in organizations: a constitutive approach. *Academy of Management Annals*, 10(1), 65-171. <https://doi.org/10.5465/19416520.2016.1162421>
- Putnam, L. L., & Mumby, D. K. (2014). Introduction: advancing theory and research in organizational communication. In L. L. Putnam & D. K. Mumby (Eds.), *The SAGE handbook of organizational communication: advances in theory, research, and methods* (pp. 1-18). Thousand Oaks: SAGE.



Putnam, L. L., Nicotera, A. M., & McPhee, R. D. (2009). Introduction: communication constitutes organization. In L. L. Putnam & A. M. Nicotera (Eds.), *Building theories of organization: the constitutive role of communication* (pp. 1-19). New York: Routledge.

Ruiz, J. R., & Herzog, B. (2019). Introducción: el análisis del discurso en sociología. In J. R. Ruiz & B. Herzog (Eds.), *Análisis sociológico del discurso: enfoques, métodos y procedimientos* (pp. 9-26). València: Universitat de València.

Sánchez, A. L. (2015). Jürgen Habermas: acción comunicativa, reflexividad y mundo de vida. *Acta Sociológica*, 67, e24-e51. <https://doi.org/10.1016/j.acso.2015.04.002>

Schoeneborn, D., Blaschke, S., Cooren, F., McPhee, R. D., Seidl, D., & Taylor, J. R. (2014). The three schools of CCO thinking: interactive dialogue and systematic comparison. *Management Communication Quarterly*, 28(2), 285-316. <https://doi.org/10.1177/0893318914527000>

Schoeneborn, D., Kuhn, T. R., & Kärreman, D. (2019). The communicative constitution of organization, organizing, and organizationality. *Organization Studies*, 40(4), 475-496. <https://doi.org/10.1177/0170840618782284>

Searle, J. R. (1999). *Speech acts: an essay in the philosophy of language* (22 ed ed.). Cambridge: Crambridge University Press.

Serrano, A. (2008). El análisis de materiales visuales en la investigación social: el caso de la publicidad. In Á. J. Gordo & A. Serrano (Eds.), *Estrategias y prácticas cualitativas de investigación social* (pp. 245-264). Madrid: Pearson Educación.

Souza, E. B. R. (2023). A Filosofia por trás da conversação: implicaturas e os atos de discurso indiretos. *Bakhtiniana*, 18(2), 9-38. <https://doi.org/10.1590/2176-4573p58270>

Teixeira Júnior, V. P. (2020). A linguagem como ponto de partida: os caminhos da filosofia após a virada linguística. *Revista Eletrônica de Filosofia*, 17(2), 291-302. <https://doi.org/10.23925/1809-8428.2020v17i2p291-302>

Zoller, H. M., & Ban, Z. (2020). Power and resistance. In A. M. Nicotera (Ed.), *Origins and traditions*

of organizational communication: a comprehensive introduction to the field (pp. 228-249). London: Routledge.